

Roma, 10 de março de 1976¹

A alegria de descobrir-se irmãos

Chiara, você teve muitos contatos com cristãos não católicos. Como você considerava estes irmãos antes e como os considera agora?

Diante de uma garrafa cheia somente três quartos podemos ter duas reações conhecidas: Ah! Falta ainda um quarto! Ou: já está cheia três quartos!

A primeira expressão revela como eu considerava antes os meus irmãos não católicos há cerca de quinze anos, antes que eu começasse a trabalhar com todo o Movimento dos Focolares, para o ecumenismo. A segunda reação é a que tenho no coração nestes últimos anos.

Não sei como agradecer a Deus por ter-me feito encontrar cristãos das mais diversas e importantes denominações.

Viver e relacionar-me com eles, sobretudo conhecê-los, a partir do momento em que se abriram, aceitando estabelecer conosco um relacionamento de caridade recíproca em Cristo, me fez experimentar uma grande admiração e gratidão para com a Providência por ter conservado nestas Igrejas ou comunidades eclesiais, as muitas riquezas da fé, às vezes de esperança, da liturgia, do valor da palavra de Deus...

No contato com eles o meu coração se alargou muito. “Senti” que não somos apenas uma família de 690 milhões de irmãos por sermos “católicos” (como resulta das estatísticas, que não consideraram as crises que muito atravessam), mas de quase um bilhão porque “cristãos”... embora faltem algumas coisas (e às vezes muito poucas) para a plena unificação das várias Igrejas.

Somos todos irmãos que amam a Cristo, que procuram amá-lo. E ter este denominador comum já é muito, muitíssimo.

Todos juntos pertencemos à Igreja, embora não todos à unidade católica. Foi o que disse Paulo VI, uma vez, falando a um grupo de luteranos.

Se a divisão dos cristãos em centenas de denominações pode nos tirar a coragem, sobretudo diante do problema da reunificação deles, quem está mergulhado no trabalho com estes irmãos e os ama, experimenta uma alegria especial. E estas não são meras palavras. É uma alegria, creio, que se experimenta somente pelo fato de nos redescobriremos irmãos, porque Cristo está em todos.

Por isso sentimos o impulso de ir até o fim, de colocar em comum “todos” os bens espirituais que possuímos. Percebemos que estes bens circulam, que o amor realiza milagres, suscitando em todas as Igrejas pessoas dedicadas à unidade, que trabalham na própria Igreja amando, iluminando, doando, para atingir a meta: uma única Igreja.

¹ (Città Nuova, n. 5, 1976)